

BREVE ABORDAGEM À AUDIODESCRIÇÃO

Este pequeno texto foi integralmente elaborado a partir da obra “Guia de audiodescrição: Imagens que se ouvem” (Josélia Neves, 2011), no âmbito do projecto “Ouvir a Arte e a Cultura: A audiodescrição na construção de produtos inclusivos”, promovido pela Associação Íris Inclusiva e financiado pelo INR, I.P. (Subprograma para Todos 2011).

De que falamos: clarificação do conceito

A audiodescrição (AD) é a arte de descrever imagens, objectos ou realidades com valor comunicativo essencialmente visualista. Trata-se de uma solução de comunicação em formato alternativo que facilita a descodificação de mensagens visualmente perceptíveis, tendo como utilizador principal a pessoa cega e com baixa visão, apesar de, e numa lógica inclusiva, também poder servir àqueles que não têm qualquer incapacidade visual.

A audiodescrição pode ser gravada ou ao vivo. No primeiro caso, é apresentada de forma integrada em produtos audiovisuais (para cinema, televisão ou outros media electrónicos), enquanto no segundo a apresentação é feita em directo (com guião e em cabina) nas artes performativas, em museus, em espaços públicos (visitas guiadas) e em manifestações de carácter visual.

A prática: modalidades de audiodescrição

Cinema

A oferta de AD em cinema pode concretizar-se de duas formas: através de sessões especiais (AD em sinal aberto para todos) ou disponibilizando o serviço em sinal fechado em sessões regulares (o que exige recurso a equipamento específico). A primeira modalidade envolve menos custos mas obriga todos os presentes a ouvirem a AD. A segunda, que será a solução mais adequada e inclusiva (porque permite que, em simultâneo, coexistam formas diferentes de acesso ao mesmo produto), requer investimento na aquisição de um sistema de difusão e recepção (transmissores individuais com auriculares).

Televisão

A oferta de AD neste contexto é escassa, pois obriga à emissão de dois sinais (o do programa e o da AD), o que, por sua vez, exige soluções técnicas específicas que são difíceis de

concretizar no contexto analógico. Espera-se que a tecnologia digital venha a permitir o acesso ao serviço através de sistemas dedicados.

Teatro

A oferta de AD neste âmbito é bastante mais complexa do que no cinema. Embora os sistemas de transmissão de sinal fechado sejam semelhantes, é preciso assegurar as condições necessárias à locução em directo: uma cabina insonorizada, com vista sobre o palco ou com a recepção de imagens através de circuito fechado de televisão.

Como é um espectáculo ao vivo, não é possível utilizar audiodescrições pré-gravadas, o que exige a presença do narrador e do audiodescritor (podem ser a mesma pessoa). Este terá de improvisar e adaptar o seu discurso às condições reais do espectáculo, apesar de utilizar um guião escrito como ponto de partida.

O processo global de AD exige um trabalho de interacção directa com o produtor da peça, os actores e os técnicos envolvidos, pressupondo a participação em vários ensaios.

Espectáculos musicais e de dança

Em termos técnicos, esta modalidade de AD é semelhante à que é feita ao vivo para teatro. No entanto, neste caso tem que coabitar com a música, que pode ser praticamente ininterrupta, o que explica que, pela complexidade envolvida, sejam poucos os espectáculos musicais e de dança que oferecem AD.

Do mesmo modo que em teatro, esta modalidade pressupõe um processo longo de trabalho em equipa e exige um elevado grau de especialização por parte do audiodescritor.

Museus

A audiodescrição em museus pode ser mediada por equipamento específico (sistemas de audioguia que utilizam radiofrequências ou infravermelhos) ou por equipamento genérico (mp3, ipods, ...), podendo ainda ser produzida ao vivo por pessoal do museu.

Um audioguia neste contexto é geralmente composto por pausas (stops), que podem ser accionadas automaticamente ou através de selecção pelo utilizador. Para além das pausas relativas a espaços ou peças em exposição, é importante incluir pausas de carácter orientador, com indicações sobre o espaço museológico e os serviços de apoio (WC, bar, ...), assim como pausas com instruções claras sobre a forma de operar o próprio equipamento de audioguia.

Espaços públicos e outras aplicações

A AD pode ser aplicada em qualquer espaço público, desde que as técnicas se adequem à sua especificidade. Todos os locais em que a pessoa cega é chamada a interagir com o espaço e a fruir sensações visuais podem beneficiar de soluções de comunicação alternativa (jardins, supermercados, lojas, espaços urbanos em geral).

Existe ainda espaço para a AD em qualquer tipo de aplicação virtual ou móvel (sistemas de localização tipo GPS, por exemplo), bem como em contexto educativo, permitindo criar materiais adaptados que sirvam a prática do ensino inclusivo.

A audiodescrição em Portugal: O “estado da Arte”

Em televisão

No contexto televisivo português, foi pela primeira vez utilizada, com recurso ao sistema bi-partido (televisão-rádio), a 1 de Dezembro de 2003, com a exibição de “A Menina da Rádio” na RTP 1, complementada pela transmissão da AD pela RDP.

Desde 2004, a RTP tem oferecido alguns filmes e séries portuguesas com AD (ainda que com periodicidade irregular), com recurso aos serviços da RDP. Desde 2009, passou ainda a oferecer AD em séries de produção nacional com regularidade semanal.

A TV Cabo apresentou “O Pátio das Cantigas” com AD a 3 de Dezembro de 2004, tendo passado a oferecer este serviço regularmente, oferecendo um novo filme português por mês.

Em Cinema

Não existe ainda, em Portugal, nenhuma sala de cinema apetrechada para a apresentação de filmes com AD. Assim, assinalam-se apenas alguns ensaios em sessões especiais (agendadas para o lançamento de DVDs com este recurso) e experiências levadas a cabo em Associações e Escolas.

No teatro e nas artes performativas

São ainda muito poucos os espectáculos que oferecem AD, dada a dificuldade de criar serviços de acessibilidade ao vivo. Trata-se de um serviço que exige equipamento específico que permita isolar o som da AD (através de transmissores individuais com auriculares) apenas aos utilizadores que dela queiram beneficiar.

Em Setembro de 2009, assinala-se a AD da peça “Chovem amores na rua do matador”, encenada pelo grupo Trigo Limpo Teatro ACERT e apresentada na Mostra Internacional de Teatro de Oeiras. A 19 de Dezembro de 2010, o bailado inclusivo “O Depois”, promovido pela Associação Vo’Arte, foi audiodescrito no Teatro de S. Luiz.

Nos museus

É uma área de aplicação em franca expansão, destacando-se o empenho de profissionais de serviços educativos de vários museus e dos responsáveis pelas acessibilidades no Instituto dos Museus (IMC), na Rede Nacional de Museus e Conservação e no Grupo para a Acessibilidade nos Museus (GAM).

Muitos museus sem equipamentos específicos de audioguia organizam visitas guiadas ao vivo, proporcionando audiodescrições preparadas ou espontâneas, materiais impressos em formato

alternativo e possibilidade de tocar em peças e desenvolver actividades de exploração do espólio museológico.

O audiodescritor: Uma profissão emergente

Não existem ainda, em Portugal, profissionais que vivam exclusivamente do trabalho de AD, estando as pessoas a trabalhar nesta área essencialmente ligadas às artes de palco (actores e guionistas) ou à área da tradução audiovisual.

O trabalho de AD tem uma importante componente criativa mas requer o domínio de técnicas específicas, o que exige formação e muito treino.

Do perfil do audiodescritor actualmente recrutado a nível europeu, destacam-se os seguintes requisitos:

- Elevada competência no uso oral e escrito da língua de expressão.
- Capacidade de síntese e reescrita.
- Boa visão e audição.
- Conhecimentos específicos na área de acção em questão (cinema, TV, museologia, artes performativas, ...).
- Capacidade de trabalho em grupo.
- Empatia com público-alvo (pessoas cegas e com baixa visão).